UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ELIÉZER NASCIMENTO DE OLIVEIRA

INTERPRETAÇÕES DOS FOTÓGRAFOS DO FOTO ELITE SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES DO FAZER FOTOGRÁFICO EM PONTA GROSSA (FINAL DO SÉCULO XX AO INÍCIO DO SÉCULO XXI)

PONTA GROSSA
2025

ELIÉZER NASCIMENTO DE OLIVEIRA

INTERPRETAÇÕES DOS FOTÓGRAFOS DO FOTO ELITE SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES DO FAZER FOTOGRÁFICO EM PONTA GROSSA (FINAL DO SÉCULO XX AO INÍCIO DO SÉCULO XXI)

Trabalho de Conclusão de Curso, na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof.º Dr.º Robson Laverdi

PONTA GROSSA

2025

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIENCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos três dias do mês de novembro de 2025, reuniram-se, nas dependências da Universidade Estadual de Ponta Grossa, sob a presidência do primeiro, os professores relacionados abaixo:

1) Robson Laverdi Orientador(a)

2) Patricia Camera Varella

3) Giuvane de Souza Klüppel

Para avaliar ao trabalho de conclusão de curso do(a) acadêmico(a):

Eliézer Nascimento de Oliveira,
regularmente matriculado no curso de:

( ) Bacharelado em História
(x) Licenciatura em História

intitulado:
Interpretações dos fotógrafos do Foto Elite sobre as transformações do fazer fotográfico em Ponta Grossa (final do século XX ao início do século XXI)

Após as argumentações da banca e do acadêmico(a), o trabalho foi considerado

APROVADO), obtendo nota final 95,00 (noventa e cinco)

OBS.: Revisar os conceitos de memória e de fotografia utilizados ao longo do trabalho visando atualizar os debates teóricos e metodológicos. Apresentar mais detalhadamente as informações biográficas dos entrevistados. Indicar nas considerações finais o potencial para análises futuras relacionadas ao estudo ontológico da fotografia.

Assinaturas:

gov.br Documento assinado digitalmente
ROBSON LAVERDI
Data: 04/11/2025 10:36:17-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

1) _____ Orientador(a)

gov.br Documento assinado digitalmente
PATRICIA CAMERA VARELLA
Data: 04/11/2025 17:47:42-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

2) _____

gov.br Documento assinado digitalmente
GIUVANE DE SOUZA KLUPPEL
Data: 04/11/2025 17:57:36-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

3) _____

INTERPRETAÇÕES DOS FOTÓGRAFOS DO FOTO ELITE SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES DO FAZER FOTOGRÁFICO EM PONTA GROSSA (FINAL DO SÉCULO XX AO INÍCIO DO SÉCULO XXI)

Eliézer Nascimento de Oliveira[1]
Robson Laverdi[2]

Resumo: Este artigo analisa as transformações no ofício fotográfico em Ponta Grossa (PR) a partir do estudo de caso do estúdio Foto Elite (1954–2019), um dos mais importantes espaços de produção e memória visual da cidade. A pesquisa articula a história oral, por meio das entrevistas com os fotógrafos Giovanni Gouveia e André Maurício Macedo, à análise interpretativa do acervo fotográfico atualmente sob guarda do Museu Campos Gerais (MCG/UEPG). A partir desse cruzamento entre narrativas e imagens, investiga-se como as mudanças tecnológicas, mercadológicas e sociais influenciaram a identidade profissional e o prestígio do fotógrafo entre o final do século XX e o início do XXI. Os resultados indicam que a transição da fotografia analógica para a digital representou não apenas uma revolução técnica, mas também simbólica, redefinindo o papel do fotógrafo e a função social da imagem. Ao mesmo tempo, a preservação e a digitalização do acervo Foto Elite configuram-se como um ato de resistência frente ao esquecimento, reafirmando a fotografia como patrimônio cultural, instrumento de memória e valorizando o processo de construção de um acervo.

Palavras-chave: Fotografia, Memória, História Oral, Museu Campos Gerais, Foto Elite.

[1] Autor: Graduando da Licenciatura em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: eliezerzzz@outlook.com
[2] Orientador. Professor do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: robson_laverdi@uepg.br

INTERPRETATIONS BY FOTO ELITE PHOTOGRAPHERS REGARDING THE TRANSFORMATIONS OF PHOTOGRAPHIC PRACTICE IN PONTA GROSSA (LATE 20TH CENTURY TO EARLY 21ST CENTURY)

Abstract: This article analyzes the transformations in the photographic profession in Ponta Grossa (PR) based on the case study of the Foto Elite studio (1954–2019), one of the city's most important spaces for visual production and memory. The research connects oral history, through interviews with photographers Giovanni Gouveia and André Maurício Macedo, with the interpretive analysis of the photographic collection currently held by the Campos Gerais Museum (MCG/UEPG). By cross-referencing narratives and images, the study investigates how technological, market, and social changes influenced the photographer's professional identity and prestige between the late 20th and early 21st centuries. The results indicate that the transition from analog to digital photography represented not only a technical but also a symbolic revolution, redefining the photographer's role and the image's social function. Concurrently, the preservation and digitization of the Foto Elite collection stand as an act of resistance against oblivion, reaffirming photography as cultural heritage, a tool for memory, and valuing the process of building a collection.

Keywords: Photography, Memory, Oral History, Museu Campos Gerais, Foto Elite.

INTERPRETAÇÕES DOS FOTÓGRAFOS DO FOTO ELITE SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES DO FAZER FOTOGRÁFICO EM PONTA GROSSA (FINAL DO SÉCULO XX AO INÍCIO DO SÉCULO XXI)

> *Tirar uma foto é participar da mortalidade, da vulnerabilidade e da mutabilidade de outra pessoa (ou coisa). Precisamente por cortar uma fatia desse momento e congelá-lo, toda foto testemunha a dissolução implacável do tempo (...)*
>
> (Susan Sotang)

A fotografia, desde sua invenção no século XIX, consolidou-se como uma das principais formas de representação e construção de memória nas sociedades modernas. Entre o registro documental e a expressão estética, ela atravessou transformações técnicas e simbólicas que redefiniram tanto o olhar sobre o mundo quanto o papel de quem o registra. No Brasil, o desenvolvimento da fotografia acompanhou os processos de urbanização e modernização das cidades, tornando-se instrumento de afirmação de identidades e de consolidação de memórias locais. É nesse contexto que se insere o presente estudo, dedicado a compreender a trajetória do estúdio Foto Elite (1954–2019) e o papel de seus fotógrafos na formação da memória visual de Ponta Grossa (PR).

O Foto Elite, ativo por mais de seis décadas, constitui um marco na história da fotografia comercial e social da região. Seu acervo, atualmente sob guarda do Museu Campos Gerais (MCG/UEPG), reúne milhares de negativos e ampliações que documentam tanto a vida cotidiana quanto eventos públicos e privados, compondo um vasto mosaico da cidade. Mais do que um espaço de produção de imagens, o estúdio se configurou como um território de trabalho, aprendizado e sociabilidade, onde se formaram gerações de fotógrafos e se cristalizaram modos de ver e representar o mundo. As memórias de seus profissionais, transmitidas por meio da história oral, revelam um campo de experiências atravessado por transformações técnicas, econômicas e culturais, da fotografia artesanal em preto e branco à era digital das imagens instantâneas.

A partir desse universo, este artigo busca analisar as transformações no ofício fotográfico em Ponta Grossa a partir das narrativas de dois fotógrafos que atuaram no Foto Elite: Giovanni Gouveia, nascido em Ponta Grossa em 1970, atuou de 1984 a 1998; André Maurício Macedo, natural da mesma cidade (1976), trabalhou de 1992 a 2008. Ambos começaram jovens, sob orientação de Domingos Silva Souza e testemunharam a transição do analógico para o digital. Ambos vivenciaram o período de transição entre o analógico e o digital e oferecem perspectivas privilegiadas sobre as mudanças de sentido, prestígio e identidade profissional que acompanharam o avanço tecnológico e a reconfiguração do mercado de imagens. A questão central que orienta a pesquisa é: como esses fotógrafos percebem e narram as mudanças que impactaram o fazer fotográfico entre o final do século XX e o início do XXI?

Metodologicamente, a investigação fundamenta-se na história oral, concebida como um campo de escuta e interpretação que valoriza a memória como forma de conheciment[3]o. Todas as entrevistas foram realizadas com o consentimento dos participantes, e as gravações serão encaminhadas ao Museu Campos Gerais para preservação e disponibilização digital. Ao todo, foram realizadas duas entrevistas[4], escolhidas por representarem gerações diferentes de atuação no Foto Elite e por oferecerem olhares complementares sobre as transformações do ofício fotográfico ao longo do tempo. As entrevistas realizadas foram previamente e articuladas com uma análise interpretativa de fotografias do acervo do MCG, as imagens foram posteriormente escolhidas para dar luz às memórias relatadas pelos entrevistados e mostrar uma fração pequena da produção do estúdio e seus fotógrafos, buscando maior contexto visual para o trabalho. Essa abordagem possibilita compreender a fotografia não apenas como documento visual, mas como prática social e cultural, carregada de afetos, gestos e representações do trabalho.

O estudo também se insere em um esforço mais amplo de valorização da história local e dos acervos fotográficos regionais, para além do Luiz Bianchi, ainda pouco explorados pela historiografia. Ao iluminar as trajetórias dos fotógrafos e os

---

[3] Parte da revisão linguística e editorial deste trabalho contou com o apoio da ferramenta Assembly.ia para transcrição das entrevistas e ChatGPT (modelo GPT-5, OpenAI), utilizada para aprimorar fluidez, pontuação, coerência e uniformidade estilística, sem alteração de conteúdo conceitual. O prompt empregado foi: "Revisar texto acadêmico preservando integralmente as ideias, argumentos e estrutura do autor, melhorando fluidez, coerência, eliminando repetições e ajustando aspectos editoriais conforme padrão de publicação acadêmica, sem modificar os fundamentos teóricos."

[4] Ver apêndice A

significados de sua prática, pretende-se contribuir para o debate sobre memória, patrimônio e cultura visual, evidenciando como a fotografia, em seu duplo papel de arte e mercadoria, reflete as tensões entre modernização, identidade e pertencimento comunitário. A preservação do acervo do Foto Elite pelo MCG, por sua vez, constitui um gesto de resistência à obsolescência e ao esquecimento, reafirmando o potencial da fotografia como fonte e objeto da História.

Assim, a pesquisa propõe-se a discutir a fotografia como trabalho, memória e patrimônio, examinando o Foto Elite não apenas como um estúdio fotográfico, mas como um lugar de produção de sentidos, um espaço em que se entrelaçam tecnologia, afetividade e história social. O objetivo é compreender como os fotógrafos Giovanni Gouveia e André Maurício Macedo interpretam, a partir de suas experiências, as transformações técnicas e simbólicas do fazer fotográfico entre o final do século XX e o início do XXI.

Fotografia, memória e trabalho: enquadramentos teóricos

Desde seu surgimento no século XIX, a fotografia ocupa uma posição ambígua entre arte, técnica e indústria. Essa tríplice natureza confere-lhe um estatuto singular na história da cultura visual, pois ela nasce ao mesmo tempo como invenção científica e como promessa estética. Como observa Gisèle Freund (1976), a fotografia se desenvolveu em diálogo direto com a sociedade industrial, incorporando seus ritmos, sua racionalidade técnica e sua lógica mercantil. Para a autora, a introdução da reprodução mecânica da imagem representou uma ruptura decisiva: ao mesmo tempo em que ampliou o acesso à representação visual, também dissolveu as fronteiras entre o fazer artístico e o trabalho produtivo. A fotografia, antes valorizada pela sensibilidade e pela destreza artesanal do fotógrafo, passou gradualmente a ser guiada por parâmetros de eficiência e lucro.

Essa mudança de paradigma foi identificada por Walter Benjamin (1994) como um dos marcos da modernidade visual. Ao analisar o impacto da reprodutibilidade técnica, Benjamin argumenta que a multiplicação das imagens despojou a obra de sua “aura”, a singularidade derivada de sua presença única no tempo e no espaço. No caso da fotografia, essa perda da aura corresponde à transformação do olhar e da experiência estética, que deixam de estar ligados ao

ritual e à contemplação e passam a integrar a lógica do consumo. A imagem torna-se produto, e o fotógrafo, trabalhador. Essa leitura, longe de ser apenas uma crítica nostálgica, ilumina os processos históricos de mercantilização da imagem, que se intensificam na era digital e afetam diretamente a percepção social do ofício fotográfico.

A historiadora Ana Maria Mauad (1996) propõe, contudo, que a fotografia, enquanto documento histórico, deve ser entendida como prática social, isto é, como resultado de escolhas, enquadramentos e valores culturais.

> Desde a sua descoberta até os dias de hoje a fotografia vem acompanhando o mundo contemporâneo, registrando sua história numa linguagem de imagens. Uma história múltipla, constituída por grandes e pequenos eventos, por personalidades mundiais e por gente anônima, por lugares distantes e exóticos e pela intimidade doméstica, pelas sensibilidades coletivas e pelas ideologias oficiais. No entanto, a fotografia lança ao historiador um desafio: como chegar ao que não foi imediatamente revelado pelo olhar fotográfico? como ultrapassar a superfície da mensagem fotográfica e, do mesmo modo que Alice nos espelhos, ver através da imagem? (Mauad, 1996, p. 5)

Para ela, “ver através da imagem” implica reconhecer que cada fotografia é atravessada por intencionalidades e contextos que ultrapassam sua aparência imediata. Do mesmo modo, Maria Eliza Linhares Borges (2003) defende que a fotografia é um documento ativo na construção da memória, pois materializa relações de poder, hierarquias e sensibilidades de uma época. Ambas as autoras indicam que o valor histórico da imagem não está em sua suposta objetividade, mas na sua capacidade de revelar o modo como sociedades representam a si mesmas.

A memória, nesse sentido, é um eixo central para a compreensão do papel da fotografia. Maurice Halbwachs (1990) lembra que a memória é sempre coletiva, ancorada em grupos sociais que definem o que deve ou não ser lembrado. A fotografia, ao registrar e materializar momentos, participa desse processo seletivo, funcionando como mediadora entre o passado vivido e o presente da lembrança. Já Michael Pollak (1989) enfatiza que a memória é também um campo de disputas e silenciamentos, onde as narrativas oficiais convivem com lembranças marginais. Assim, os acervos fotográficos não são apenas depósitos de imagens, mas espaços de poder simbólico, onde se definem visibilidades e esquecimentos.

Ao relacionar esses referenciais à história do Foto Elite, é possível compreender a fotografia como um território de trabalho e de memória. O fotógrafo,

ao mesmo tempo produtor técnico e narrador visual, atua em um campo de tensões entre arte e mercado, entre registro e criação. O estúdio fotográfico, por sua vez, é um espaço de sociabilidade e aprendizado, onde se transmitem saberes e se constroem identidades profissionais. Nesse sentido, o ofício do fotógrafo pode ser visto como uma forma de mediação cultural: ele traduz em imagem as representações que a comunidade faz de si mesma, transformando o cotidiano em memória visual. A reflexão teórica, portanto, oferece o suporte necessário para compreender as dimensões simbólicas, materiais e afetivas que estruturam as trajetórias analisadas neste estudo.

Ponta Grossa em foco: a cidade e seus fotógrafos

A história da fotografia em Ponta Grossa está profundamente entrelaçada ao processo de modernização urbana e à formação de uma identidade regional no centro-sul do Paraná. Desde o final do século XIX, quando a cidade se consolidou como um importante entroncamento ferroviário (1896), sua paisagem passou a refletir o dinamismo econômico e cultural de uma região em transformação. O avanço da ferrovia e a expansão do comércio criaram novas demandas visuais, tanto para o registro de eventos públicos quanto para o retrato de famílias e instituições. Nesse contexto, a fotografia emergiu como instrumento de legitimação da modernidade local, registrando a ascensão de uma classe média urbana e o desejo de pertencimento à estética do progresso.

Os primeiros estúdios conhecidos, como o Foto Weiss e o Foto Bianchi, desempenharam papel decisivo na fixação desse imaginário. Suas imagens, muitas vezes posadas e cuidadosamente compostas, revelam tanto a técnica artesanal da época quanto a busca por respeitabilidade social. O retrato fotográfico, nesse período, não era apenas uma lembrança, mas um símbolo de status. O surgimento do Foto Elite, em 1954, insere-se nessa continuidade, e também anuncia uma transição. Fundado por Germano Koch e João Gunter, o estúdio representa o amadurecimento de uma tradição local de fotografia profissional, agora voltada não só para o retrato de estúdio, mas conjuntamente eventos e trabalhos institucionais que acompanham a vida cotidiana da cidade.

A consolidação de Ponta Grossa como polo educacional e cultural nas décadas seguintes reforçou o papel da fotografia como linguagem da memória urbana. Estúdios como o Foto Elite tornaram-se parte da paisagem afetiva da cidade, documentando casamentos, formaturas, inaugurações e festas populares. Ao mesmo tempo, a prática fotográfica passou a se diversificar, incorporando novas técnicas e equipamentos. A fotografia deixou de ser um privilégio de poucos para tornar-se elemento do cotidiano, processo que culminaria, décadas depois, com a popularização das câmeras digitais e dos smartphones. Esse percurso espelha transformações mais amplas da sociedade brasileira, em que o avanço tecnológico reconfigura tanto as práticas culturais quanto as formas de trabalho.

Os fotógrafos ponta-grossenses, nesse contexto, desempenharam um papel de mediação entre o mundo técnico e o mundo social. Seus estúdios funcionavam como locais de aprendizado, experimentação e transmissão de saberes, como espaços de convivência, onde se entrecruzavam gerações e se compartilhavam experiências. Giovanni Gouveia descreve a aquisição do conhecimento como sendo "na prática mesmo, sabe? a gente não tinha teoria". Ele relata ter ido "aprendendo na prática a olhar lá como é que faz uma 3x4, como é que tira uma foto no estúdio". Essas falas demonstram uma relação entre o fazer manual, de uma atividade manual, prática, sensível e, sobretudo, humana

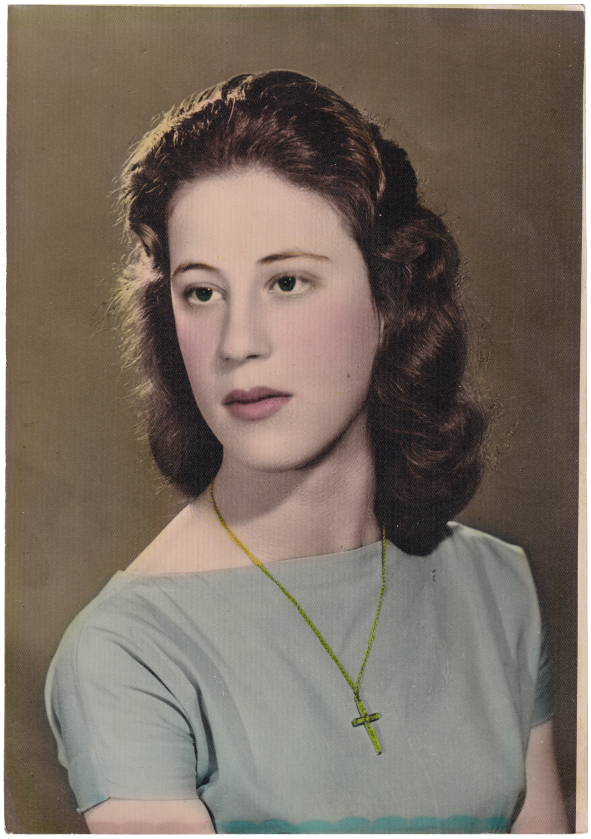
André Macedo, que iniciou como aprendiz em 1992, confirma o foco na técnica e no aprendizado manual: "O que marca muito em si é a técnica de fotografia, né? Tipo assim, na época, nesses meados de 92 até o tempo que eu estive lá, eram poucos os fotógrafos que tinham". Ele também destaca o valor do aprendizado de trabalho manual de laboratório, "Um laboratório preto e branco, que ficava nas luzes. Luz vermelha, revelava filme, revelava foto. Então isso é uma coisa que marcou muito e que hoje não tem". Outro trecho que mostra uma manualidade suntuosa, quase que ritualística, que reverbera saudade e apreço por práticas de outrora. A memória desses profissionais, preservada em acervos como o do Museu Campos Gerais, revela a dimensão humana da fotografia, o olhar, o gesto e a emoção que antecedem cada clique. Ao recuperar essas histórias, é possível compreender a evolução técnica da fotografia na cidade, os modos como ela ajudou a constituir a imagem pública de Ponta Grossa e de seus habitantes.

Assim, ao situar o Foto Elite dentro desse panorama, reconhece-se que ele não foi apenas mais um estúdio comercial, mas um verdadeiro espaço de construção da memória local. Suas imagens registram modos de viver e de representar o tempo. E é justamente no cruzamento entre cidade, trabalho e memória que este artigo se debruça, propondo uma leitura da fotografia como experiência histórica, um espelho onde Ponta Grossa se vê e se reinventa.

O Foto Elite: trajetórias, práticas e heranças

O estúdio Foto Elite foi fundado em 1954 por Germano Achilles Koch e João Günter, na Rua Bonifácio Vilela, no centro de Ponta Grossa. Desde sua origem, o empreendimento se destacou por associar técnica, inventividade e sensibilidade artística em um contexto local ainda marcado por carências materiais e pela necessidade de improvisação. A experiência prévia de Germano, iniciada aos 14 anos no Foto Weiss, forneceu-lhe o domínio das práticas artesanais de revelação, retoque e colorização manual, habilidades que se tornariam marcas distintivas do novo estúdio. O Foto Elite surgiu, portanto, como resultado de uma trajetória de aprendizado técnico e de inserção em uma tradição fotográfica que acompanhava a urbanização da cidade e a expansão de sua classe média.

FOTOGRAFIA 1 - Fotografia colorida manualmente, provavelmente da década de 1950.



Fonte :Acervo Foto Elite / Museu Campos Gerais (MCG/UEPG) Disponível em<http://memoriasdigitais.museu.uepg.br/>.

As primeiras décadas de funcionamento do estúdio coincidem com um período de transformação da fotografia brasileira. Entre os anos 1950 e 1970, a fotografia analógica consolidou-se como atividade econômica e cultural relevante, com crescente profissionalização dos fotógrafos e difusão de equipamentos importados. No caso do Foto Elite, essa profissionalização se materializou em um modelo de trabalho que combinava rigor técnico e sensibilidade estética. As fotografias coloridas à mão, realizadas com aquarela e pigmentos sobre papel, revelam uma concepção artesanal da imagem como obra única, construída com o olhar e as mãos do fotógrafo. A presença da colorização manual, como na Fotografia 1, revela o aspecto artesanal e o cuidado afetivo presentes na fotografia das décadas de 1950 e 1960, uma técnica bastante sofisticada, demarcando tanto a técnica que os fotógrafos tinham, quanto o público que podia pagar por uma foto dessas, algo com valor considerável nesse período.

Após o fim da sociedade com Günter, em 1960, Germano Koch passou a administrar o estúdio sozinho, consolidando sua reputação e ampliando a clientela. O Foto Elite tornou-se, nas décadas seguintes, uma referência regional em retratos de estúdio, casamentos, formaturas e eventos institucionais, conquistando a confiança de órgãos públicos (como a UEPG) e famílias ponta-grossenses. A combinação entre domínio técnico e sensibilidade estética garantiu ao estúdio uma posição de destaque no cenário local, transformando-o em um espaço de reconhecimento social e de valorização da fotografia como arte e ofício.

Em 1977, Germano decidiu transferir a direção do estúdio para Domingos Silva Souza, funcionário e amigo de longa data. Mais do que uma transação comercial, esse gesto representou a continuidade de uma linhagem profissional e afetiva. Germano descreveu a passagem como um “presente de pai para filho”, expressão que ultrapassa a dimensão econômica e traduz uma forma de herança simbólica, em que o ofício fotográfico é transmitido como legado, repleto de valores, saberes e responsabilidades. A fotografia, nesse contexto, é mais do que uma atividade técnica, é uma prática atravessada por vínculos humanos, construída em torno de confiança, convivência e partilha.

Essa tradição de aprendizado e cuidado se prolongou nas gerações seguintes de fotógrafos do Foto Elite. Giovanni Gouveia, que ingressou ainda muito jovem no estúdio, recorda com emoção o modo como essa convivência moldou sua formação pessoal e profissional. Ele descreve Seu Domingos, seu chefe e mentor, como “um pai pra mim”, destacando que o aprendizado no estúdio ultrapassava o campo técnico e se estendia à vida cotidiana: “Ele me ensinou a se vestir... me ajudou a me vestir, até se comportar, porque eu não tinha etiqueta, eu não sabia. Então, eu aprendi até a comer nos lugares.” (Gouveia, 2025).

A fala de Giovanni revela como o espaço de trabalho operava também como espaço de educação e socialização, onde se aprendia não apenas os procedimentos técnicos da fotografia, mas também códigos de conduta, valores e modos de estar no mundo. Ao afirmar que “a fotografia me educou, no sentido de uma família é responsável por dar para o seu filho”, o fotógrafo transforma o Foto Elite, e o Seu Domingos, em uma metáfora de pertencimento e formação moral.

Esses relatos mostram que o Foto Elite, na visão dos fotógrafos, funcionava simultaneamente como oficina, escola e família, um microcosmo em que o trabalho

fotográfico se entrelaçava à afetividade e à construção identitária, logo essa trajetória profissional atravessa em suas memórias pelo sentimental ao rememorar. A transmissão do ofício se dava pela convivência diária, pelo olhar atento do mestre sobre o aprendiz e pela partilha de experiências que iam muito além da técnica. Nesse sentido, o estúdio configurava-se como um espaço de sociabilidade e aprendizado intergeracional, onde a fotografia servia de linguagem para mediar imagens e até relações humanas.

A administração de Domingos coincidiu com um novo ciclo de mudanças, marcado pela modernização dos equipamentos e pela intensificação do mercado de imagens. Durante as décadas de 1980 e 1990, o Foto Elite acompanhou o ritmo das transformações tecnológicas e sociais, adaptando-se à introdução de câmeras modernas, mais leves, versáteis, automáticas, flashes eletrônicos e laboratórios mais rápidos. Nesse período, o estúdio se consolidou como espaço de referência tanto para eventos sociais quanto para produções institucionais, mantendo um alto padrão de qualidade e uma clientela fiel. Entretanto, o surgimento da fotografia digital, no final da década de 1990, alterou profundamente o panorama da profissão. A acessibilidade das câmeras e, posteriormente, dos celulares com câmera, reduziu a dependência do fotógrafo profissional e provocou uma crise no modelo tradicional de estúdio.

O encerramento das atividades do Foto Elite em 2019 marcou simbolicamente o fim de um ciclo e o início de outro, voltado à preservação e reinterpretação de sua memória. O acervo, composto por cerca de 200 mil negativos e mais de um milhão de fotogramas, foi adquirido pela Universidade Estadual de Ponta Grossa e incorporado ao Museu Campos Gerais (MCG). Essa incorporação representou a salvaguarda de um patrimônio material e o reconhecimento da fotografia como expressão da história social da cidade. O projeto “Memórias Audiovisuais Digitais: digitalização do acervo Foto Elite (1954-2018)”, desenvolvido entre 2024 e 2025 com recursos da Lei Paulo Gustavo, permitiu a higienização, digitalização e descrição de milhares de imagens, abrindo novas possibilidades de pesquisa e de acesso público.

O Foto Elite, assim, transcende a condição de empreendimento comercial: é um símbolo da memória visual ponta-grossense. Suas fotografias registram mais do que eventos; elas preservam modos de ser, de vestir, de celebrar e de se

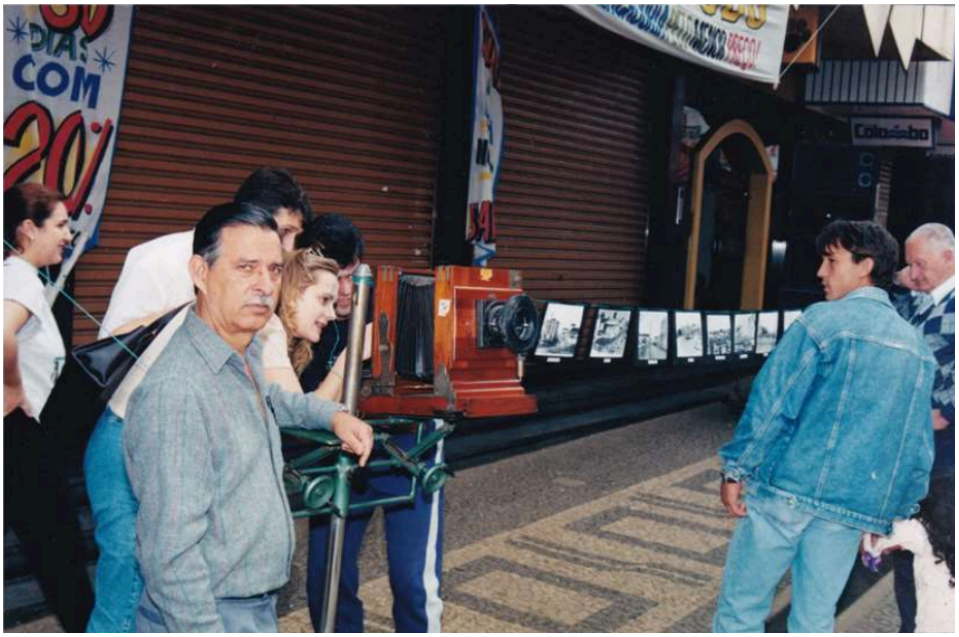
representar. As trajetórias de Germano, Domingos e seus fotógrafos formam um mosaico de saberes técnicos, relações afetivas e compromissos éticos com a preservação da imagem. Ao compreender esse percurso histórico, evidencia-se que o estúdio não foi apenas um espaço de trabalho, mas um lugar de memória no sentido proposto por Pierre Nora (1993): um espaço onde o passado é continuamente atualizado, reapropriado e reinterpretado pelas gerações seguintes.

A cidade em retrato: o Foto Elite e a memória visual de Ponta Grossa

Com base nas entrevistas com os fotógrafos Giovanni Gouveia e André Maurício Macedo, e na análise do contexto do Foto Elite (1954–2019), pode-se afirmar que o estúdio desempenhou um papel fundamental na documentação e construção da memória visual dos eventos da cidade de Ponta Grossa. Durante mais de seis décadas de atividade, o Foto Elite produziu um registro contínuo e diversificado da vida urbana, acompanhando transformações sociais, arquitetônicas e culturais da cidade. O acervo atualmente sob a guarda do Museu Campos Gerais (MCG/UEPG) constitui, assim, um repositório vivo da história social e afetiva ponta-grossense, revelando tanto a intimidade doméstica quanto as manifestações públicas e os grandes eventos coletivos.

Sob a direção de Domingos Silva Souza, a partir de 1977, o Foto Elite ampliou suas frentes de atuação, diversificando os tipos de cobertura e consolidando-se como um estúdio de referência regional. De um espaço originalmente voltado ao retrato e aos ensaios de estúdio, o Foto Elite transformou-se em uma instituição que documentava o cotidiano da cidade, prestando serviços para famílias, eventos religiosos,, clubes e órgãos públicos. Essa versatilidade consolidou o fotógrafo como mediador entre o privado e o público, o íntimo e o institucional, o efêmero e o permanente.

FOTOGRAFIA 2 - Seu Domingos realizando uma exposição de fotografias no calçadão



Fonte :Acervo Foto Elite / Museu Campos Gerais (MCG/UEPG) Disponível em<http://memoriasdigitais.museu.uepg.br/>.

A fotografia acima demonstra ações da agência cultural do Seu Domingos, onde o estúdio diversificava seu papel perante a sociedade pontagrossense, onde deixa de ser apenas um foto comercial, e se transfigurava num vetor de memórias visuais da cidade.

Rituais sociais e familiares

Em sua vertente mais tradicional, o Foto Elite dedicava-se aos rituais sociais, casamentos, batizados, aniversários, festas de 15 anos e formaturas, eventos que simbolizavam momentos de passagem e de afirmação social. Giovanni Gouveia e André Macedo recordam que as coberturas de casamentos eram as mais exigentes, pois “não tinha como repetir”, demandando preparo técnico e sensibilidade. A fotografia de eventos familiares era concebida como uma forma de preservação da memória doméstica, de reafirmação da identidade das famílias ponta-grossenses e ainda uma responsabilidade estética e memorialista para essa família ao registrar esses momentos únicos. Além disso, o estúdio era presença constante em clubes

locais, como a Associação Recreativa Homens do Trabalho (ARHT)[5], registrando bailes, concursos e festas populares, imagens que hoje compõem um importante retrato da sociabilidade urbana das décadas de 1980 e 1990.

FOTOGRAFIA 3 - Fotografia de um time de futebol



Fonte :Acervo Foto Elite / Museu Campos Gerais (MCG/UEPG) Disponível em<http://memoriasdigitais.museu.uepg.br/>.

[5] A ARHT Ponta Grossa é a Associação Recreativa dos Homens do Trabalho, um clube social fundado em 1917, focado em lazer, cultura e recreação para seus associados e suas famílias.

FOTOGRAFIA 4 - 16º Encontro de Oficiais da Legião de Maria do Paraná Região de Ponta Grossa - 2005



Fonte :Acervo Foto Elite / Museu Campos Gerais (MCG/UEPG) Disponível em<http://memoriasdigitais.museu.uepg.br/>.

FOTOGRAFIA 5 - Carnaval de rua em Ponta Grossa 1981



Fonte :Acervo Foto Elite / Museu Campos Gerais (MCG/UEPG) Disponível em<http://memoriasdigitais.museu.uepg.br/>.

Eventos institucionais e urbanos

A partir da década de 1980, o Foto Elite expandiu-se para o campo do fotojornalismo e da documentação institucional, prestando serviços à Prefeitura de Ponta Grossa, à Câmara Municipal, à Telepar, à Sanepar. Giovanni Gouveia menciona ter fotografado inaugurações de obras públicas e registros de novas edificações no centro urbano. Essa atuação revela a dimensão histórica da fotografia como testemunho do “progresso” local, conceito que, nas falas dos entrevistados, surge como expressão recorrente de orgulho e pertencimento.

André Macedo lamenta que esse impulso documental tenha diminuído com o tempo: “Antigamente se registrava toda a cidade, cada ponto, cada órgão público. Hoje isso quase não se faz”. As imagens do Foto Elite, portanto, não apenas ilustram a modernização de Ponta Grossa, mas participam ativamente de sua construção simbólica, projetando uma imagem de cidade próspera, moderna e integrada às transformações do país.

Coberturas sensíveis e exclusivas

Giovanni Gouveia relata experiências trabalhos que exigiam discrição, sensibilidade e domínio técnico de cobertura, depois de sua saída do Foto Elite, em ambientes industriais e corporativos, onde “você nunca podia interferir”, e de eventos sociais exclusivos, como a coluna teen e a coluna fashion, que registravam festas da elite local. Essas imagens, ao mesmo tempo documento e espetáculo, revelam a pluralidade de olhares do fotógrafo e sua capacidade de transitar entre diferentes universos sociais, e também, nas palavras de Ana Maria Mauad (1996, p.5) “Uma história múltipla, constituída por grandes e pequenos eventos, por personalidades mundiais e por gente anônima”. Outros trabalhos demandavam um envolvimento emocional mais intenso. Giovanni recorda o impacto de fotografar um velório, experiência que o marcou por confrontar o olhar técnico com o limite da emoção: “Eu estava acostumado com alegria, felicidade, conquistas... e me deparei com o oposto disso”. Também são lembradas as fotografias realizadas por Seu Domingos e

Giovanni no Hospital Psiquiátrico Franco da Rocha[6], que exigiam cuidado e respeito diante de situações de vulnerabilidade. Esses episódios evidenciam que a fotografia, para além de registro, é também um ato de escuta e empatia, capaz de revelar dimensões sensíveis da experiência humana.

Os fotógrafos entrevistados reconhecem o Foto Elite como uma “peça fundamental para a divulgação da cidade”. Giovanni Gouveia (2025) afirma que o estúdio documentou o “grande avanço e o crescimento de Ponta Grossa”, enquanto André Macedo (2025) destaca o valor histórico das imagens, que mostram “a evolução da cidade”. Seu Domingos, chegou a compartilhar nas redes sociais algumas das fotos antigas do acervo, e o retorno do público, pessoas que se reconheciam nas imagens, o deixava “feliz da vida”.

Hoje, com a digitalização e incorporação do acervo ao MCG, essas fotografias ganham nova vida. Tornam-se ferramentas de memória, permitindo que estudantes, pesquisadores e moradores “revisitem” o passado e compreendam “como que era toda a época”, como diz André. O valor documental do acervo, portanto, transcende a nostalgia: ele opera como instrumento de educação histórica e identidade cultural, devolvendo à cidade o espelho de sua própria trajetória.

[6] O Hospital Psiquiátrico Franco da Rocha em Ponta Grossa não existe mais, tendo encerrado suas atividades em 10 de novembro de 2004. Foi um hospital que ofereceu tratamento psiquiátrico na cidade e fechou devido a dificuldades financeiras e falta de recursos do SUS. As fotografias eram para documentos 3x4, no momento da entrada dos pacientes.

FOTOGRAFIA 6 - Obras na avenida Bonifácio Vilela 1982



Fonte :Acervo Foto Elite / Museu Campos Gerais (MCG/UEPG) Disponível em<http://memoriasdigitais.museu.uepg.br/>.

As cenas de eventos e espaços urbanos demonstram como o Foto Elite acompanhava o ritmo de transformação da cidade e colaborava na construção de uma imagem de modernidade para Ponta Grossa, onde a ideia de progresso está engendrado na história, nas lentes e interpretações dos fotógrafos.

Vozes do ofício: memórias e experiências de trabalho

As narrativas dos fotógrafos Giovanni Gouveia e André Maurício Macedo, colhidas por meio de entrevistas semiestruturadas, permitem acessar as dimensões subjetivas do ofício fotográfico e compreender como as mudanças tecnológicas e culturais afetaram suas identidades profissionais. Ambos trabalharam no Foto Elite em períodos distintos, Giovanni entre 1984 e 1998 e André entre 1992 e 2008, e testemunharam o processo de transição do analógico para o digital. Suas falas revelam um universo de práticas, sentimentos e percepções que ajudam a iluminar o modo como o trabalho fotográfico foi ressignificado ao longo das últimas décadas.

Giovanni descreve o fotógrafo como alguém que “fazia parte da família”, um participante afetivo dos eventos que registrava. Essa afirmação evidencia uma

concepção da fotografia como prática relacional e não apenas técnica. O fotógrafo, nesse sentido, era mediador entre o cliente e a memória, entre o instante vivido e sua fixação em imagem. O reconhecimento social decorria dessa função simbólica: o fotógrafo era o “guardião” dos momentos importantes da vida coletiva. Essa posição privilegiada, no entanto, começou a se fragilizar com a chegada da fotografia digital. Giovanni observa que “a fotografia deixou de ser uma arte para ser um produto”, expressão que sintetiza o deslocamento do valor simbólico para o valor de troca, e a consequente banalização da imagem na era da instantaneidade. Essa percepção ecoa a reflexão de Walter Benjamin (1994) sobre a perda da “aura” na era da reprodutibilidade técnica, quando o valor simbólico da imagem é substituído por seu consumo em massa.

André Macedo, por sua vez, enfatiza o caráter ritualístico do trabalho em laboratório, descrevendo-o como “um aprendizado que hoje não existe mais”. O processo de revelação, realizado sob luz vermelha, exigia paciência e técnica, além de conferir ao fotógrafo um domínio quase artesanal sobre o resultado final. A substituição desse processo pelo digital não representou apenas um avanço técnico, mas uma mudança radical na temporalidade da fotografia. Se antes cada imagem exigia espera, preparo e cuidado, agora ela surge instantaneamente, muitas vezes sem reflexão. Essa aceleração, associada à massificação das câmeras e à cultura das redes sociais, reduziu o espaço de atuação do fotógrafo profissional e dissolveu a aura de exclusividade que cercava sua prática.

As falas dos dois entrevistados confirmam que a crise do ofício fotográfico é, em grande medida, simbólica e social, e não apenas tecnológica. A democratização do acesso às imagens, embora amplie a produção visual, também dilui as fronteiras entre o amador e o profissional, entre o olhar treinado e o gesto automático. O fotógrafo, que antes ocupava o centro do evento, vê-se agora deslocado para as margens de um campo saturado de imagens. Contudo, as memórias de Giovanni e André revelam uma resistência silenciosa: ambos mantêm o vínculo afetivo com o fazer fotográfico e reconhecem no acervo do Foto Elite um testemunho coletivo de um tempo em que o ofício carregava prestígio e sentido comunitário.

Giovanni Gouveia sintetiza essa mudança ao afirmar que, com a popularização da fotografia digital, “a fotografia deixou de ser uma arte pra ser uma... vou dizer assim... pra registrar o evento hoje. Hoje é mais automático,

entendeu? Porque todo mundo faz foto pro celular, todo mundo filma pro celular". A afirmação traduz a sensação de perda de centralidade do fotógrafo enquanto mediador da memória, já que o ato de fotografar, antes dotado de intencionalidade e preparo, tornou-se acessível e cotidiano. Quando perguntado se "a fotografia parou de ser uma arte e virou um produto", Giovanni confirma: "É, exatamente, começou a ser um produto, né?". Essa transição, mais do que uma transformação técnica, representa a reconfiguração simbólica do ofício: o fotógrafo, antes guardião da imagem, converte-se em prestador de serviço num mercado dominado pela lógica do consumo e da instantaneidade.

André Maurício Macedo reforça essa percepção ao comentar o impacto dos celulares e câmeras digitais amadoras sobre a prática profissional. Para ele, "muitas pessoas acabam deixando de contratar um profissional... porque já têm o celular, ótima geração, ótima qualidade, e acabou afetando a fotografia do profissional". A ascensão dos dispositivos móveis e o acesso irrestrito à captura de imagens criaram uma saturação de mercado, esvaziando o espaço do fotógrafo como especialista e produtor de memória. Ele relembra, por exemplo, que "o profissional fotografava e comercializava cada foto que ele tirava... em desfiles, festas, eventos. Hoje em dia as pessoas levam o celular e nem procuram mais essas fotos". O mercado que antes se estruturava na escassez, poucos fotógrafos e alto valor simbólico, tornou-se um campo de abundância, em que a imagem é um bem de consumo efêmero.

Giovanni complementa ao observar que "uma grande fatia [do mercado] pegou" com a popularização dos smartphones, restando ao fotógrafo profissional apenas nichos específicos, como casamentos e festas de 15 anos. Mesmo assim, afirma, "o mercado tá muito poluído, muito cheio de gente... muita gente no mercado", o que torna difícil manter o prestígio e a viabilidade econômica do ofício. Para ele, a fotografia perdeu seu caráter singular e tornou-se uma "atividade comum para todo mundo", desprovida da aura de exclusividade que marcava o estúdio fotográfico nas décadas anteriores.

O desaparecimento do "ritual da fotografia" é uma das consequências mais sentidas nas memórias de Giovanni. Ele descreve com nostalgia o tempo em que o processo analógico envolvia expectativa e espera:

> A gente fotografava um evento no domingo, no sábado. Então as pessoas ficavam com a expectativa de revelar a foto. Então criava um clima. Você montava a foto num álbum e entregava num álbum... O sentimento hoje, o que acontece? Você vai lá, fotografa, faz uma foto com o celular e coloca nas redes sociais. Então acabou de ser aquela coisa exclusiva... acabou cortando um pouco aquele sentimento, aquele clima. (Gouveia, 2025)

Essa fala evidencia a substituição de uma experiência artesanal, marcada pela paciência e pela ritualidade, por uma lógica de instantaneidade e saturação. A imagem, antes esperada e celebrada, tornou-se descartável e imediata. A perda desse intervalo temporal, entre o clique e o ver, simboliza também o enfraquecimento do vínculo afetivo entre fotógrafo, cliente e fotografia. O “clima” descrito por Giovanni remete à dimensão sensorial e emocional do ofício, cuja ausência na era digital reflete a perda de valor simbólico do gesto fotográfico.

Essa transformação impactou diretamente a estrutura econômica e espacial da profissão. Como observa Giovanni, os grandes estúdios, outrora símbolos de prestígio e tradição, tornaram-se inviáveis no novo contexto. Ele reconhece que “a tendência desses foto grande que é da época vai fechar tudo... hoje você pode trabalhar em casa, como eu trabalho. Uma portinha só, um espaço na sala já basta”. A fala antecipa o fechamento do próprio Foto Elite em 2018, marco de um processo mais amplo de desmaterialização do trabalho fotográfico, em que o espaço físico cede lugar à virtualidade e à informalidade.

Essas memórias convergem para uma mesma constatação: a crise do ofício não é o fim da fotografia, mas a mudança de seu regime de valor. O que se perde não é apenas um modo de trabalhar, mas uma forma de relação com o tempo, com o outro e com a imagem. A fotografia digital democratizou o ato de fotografar, mas esvaziou parte do seu significado simbólico; ao mesmo tempo, abriu novas possibilidades de expressão e circulação. As falas de Giovanni e André mostram que, entre a perda e a reinvenção, o fotógrafo resiste como sujeito da memória, alguém que, mesmo diante da “banalização” da imagem, continua a enxergar na fotografia um gesto de permanência e de pertencimento.

Essas narrativas também evidenciam a relevância da história oral como metodologia de pesquisa. O relato não apenas transmite informações, mas carrega emoções, silêncios e interpretações. Cada lembrança mobiliza valores e afetos, permitindo compreender como os fotógrafos atribuem significado às transformações que vivenciaram. As entrevistas funcionam, assim, como espaço de reconstrução da

identidade, tanto individual quanto profissional. Ao relembrar o passado, os narradores reafirmam o valor simbólico de seu trabalho e resgatam o sentido de pertencimento a uma história coletiva.

Por fim, as vozes de Giovanni e André permitem refletir sobre o lugar da fotografia na contemporaneidade. Mesmo diante da perda de prestígio e da saturação imagética, ambos reconhecem na fotografia uma potência de memória e uma forma de resistência ao esquecimento. O Foto Elite, em suas lembranças, é mais do que um local de trabalho: é um espaço de afetos, aprendizado e identidade, cuja importância se renova através da preservação de seu acervo e da escuta das histórias de quem o construiu. Essas vozes demonstram que o valor histórico da fotografia reside não apenas nas imagens, mas também nas experiências e nos gestos que as tornaram possíveis.

O acervo Foto Elite e a preservação da memória visual

O acervo do Foto Elite, incorporado ao Museu Campos Gerais (MCG) da Universidade Estadual de Ponta Grossa em 2019, representa hoje uma das mais significativas coleções fotográficas do interior do Paraná. Estima-se que ele reúna cerca de 200 mil negativos e mais de um milhão de fotogramas, abrangendo o período de 1954 a 2019. Trata-se de um conjunto que documenta tanto as transformações urbanas e sociais da cidade quanto os rituais privados de sua população, casamentos, formaturas, retratos de estúdio, inaugurações, desfiles e festas populares. O acervo, portanto, não apenas registra o cotidiano ponta-grossense, ele revela o modo como a comunidade se viu e desejou ser vista ao longo de mais de seis décadas.

A transferência do acervo para o MCG foi acompanhada por uma série de debates sobre preservação e acesso público. A decisão de Domingos Silva Souza de vender o conjunto de negativos à universidade garantiu não apenas sua conservação material, ele promove a inserção em um circuito de pesquisa, curadoria e difusão cultural. Nesse processo, o museu assumiu um papel fundamental como mediador entre o patrimônio fotográfico e a comunidade, reforçando sua função como instituição de memória e agente de história pública.

Entre 2024 e 2025, o projeto “Memórias Audiovisuais Digitais: digitalização do acervo Foto Elite (1954–2018)”, financiado pela Lei Paulo Gustavo, viabilizou a higienização, digitalização e catalogação de parte expressiva do acervo. Esse processo, além de proteger fisicamente os negativos, inseriu as imagens em um novo regime de visibilidade: o digital. A fotografia, que outrora dependia do suporte físico e do olhar restrito do estúdio, agora pode ser acessada por múltiplos públicos, reinterpretada em exposições, pesquisas e plataformas virtuais. No entanto preservar não é apenas digitalizar, é interpretar e contextualizar as imagens, reconhecendo nelas os rastros do trabalho humano e das relações sociais que as geraram.

Essas iniciativas permitem que a comunidade se reconheça nas imagens e reative memórias coletivas, ampliando o diálogo entre universidade, museu e sociedade. A fotografia, nesse contexto, deixa de ser um objeto passivo e torna-se ferramenta de reflexão sobre o tempo, a identidade e a própria cidade. A preservação do acervo, portanto, é mais do que um gesto técnico; é um ato político e cultural que reafirma o direito à memória e o valor do trabalho fotográfico como patrimônio imaterial.

Nesse sentido, o Foto Elite exemplifica os desafios contemporâneos da preservação de acervos fotográficos no Brasil: a necessidade de infraestrutura adequada, a importância da catalogação precisa e a urgência de políticas de difusão que garantam o acesso público. O diálogo entre pesquisadores, museólogos e comunidade é fundamental para que o acervo continue vivo e produtivo, inspirando novas leituras sobre o passado e novas formas de pertencimento. Como espaço de encontro entre a memória individual dos fotógrafos e a memória da cidade, o Foto Elite se inscreve, enfim, como um lugar de memória compartilhada, onde o gesto de fotografar se converte em gesto de resistência contra o esquecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória do Foto Elite e as memórias de seus fotógrafos revelam que a história da fotografia em Ponta Grossa é, acima de tudo, uma história sobre trabalho, identidade e transformação. O estúdio, ativo por mais de seis décadas, acompanhou de perto as mudanças sociais, tecnológicas e culturais que moldaram a cidade e o ofício fotográfico. De sua fundação artesanal nos anos 1950 à era digital do século

XXI, o Foto Elite espelha as tensões entre arte e mercado, entre tradição e inovação, entre memória e esquecimento.

As narrativas de Giovanni Gouveia e André Maurício Macedo, recolhidas por meio da história oral, oferecem um olhar privilegiado sobre essas transformações. Em suas vozes, a fotografia surge como experiência humana antes de ser técnica, uma prática que envolve sensibilidade, afeto e pertencimento. A transição do analógico para o digital, por mais inevitável que fosse, implicou não apenas a obsolescência de equipamentos, mas também a redefinição do papel social do fotógrafo. A “perda da aura”, no sentido benjaminiano, traduz-se na erosão do prestígio profissional e na diluição do vínculo entre fotógrafo e comunidade. Ainda assim, as lembranças desses profissionais demonstram que o fazer fotográfico permanece como forma de resistência simbólica, sustentada pela memória do olhar e pela dignidade do trabalho.

O acervo do Foto Elite, hoje sob guarda do Museu Campos Gerais, constitui uma oportunidade singular de repensar as relações entre história, imagem e memória. Ao ser preservado e digitalizado, ele amplia seu alcance e renova sua função social, permitindo que novas gerações acessem e reinterpretam as imagens que moldaram o imaginário ponta-grossense. Mais do que um arquivo, esse acervo é um repositório vivo, que convida à escuta e ao diálogo entre tempos, pessoas e narrativas.

Do ponto de vista metodológico, a articulação entre história oral e análise fotográfica mostrou-se fundamental para compreender a fotografia como prática social e cultural. A escuta dos fotógrafos não apenas complementa a leitura das imagens, mas revela dimensões subjetivas, sentimentos, silêncios, memórias afetivas, que o olhar puramente visual não alcança. Essa integração metodológica reafirma a potência da história oral como ferramenta para democratizar o conhecimento histórico e valorizar sujeitos e ofícios frequentemente marginalizados pela historiografia.

Em termos mais amplos, o estudo aponta para a necessidade de aprofundar as pesquisas sobre a história da fotografia em Ponta Grossa e no Paraná, campos ainda pouco explorados. O caso do Foto Elite demonstra o quanto a fotografia comercial e de estúdio pode ser fonte privilegiada para compreender práticas sociais, formas de consumo e processos de modernização regional. Investigações

futuras podem expandir o olhar para outros estúdios, para a clientela retratada e para as dimensões de gênero e raça presentes nas imagens.

Por fim, o percurso do Foto Elite reafirma que preservar a fotografia é também preservar o trabalho, os gestos e as memórias que lhe deram forma. Cada imagem carrega em si mais do que um instante: contém relações humanas, sensibilidades, afetos e modos de ver o mundo. O acervo do Foto Elite não encerra sua história, mas a prolonga. Cada fotografia preservada transforma o gesto de fotografar em gesto de memória, reafirmando a fotografia como elo entre o vivido e o lembrado, entre o passado e o presente. Nesse movimento, a fotografia revela-se como uma forma de aprendizado e convivência, um exercício contínuo de olhar e de reconhecer-se no outro. Preservar o acervo do Foto Elite, e de seus atores históricos é, assim, um ato de permanência diante das efemérides das imagens reveladas e, ao mesmo tempo, um gesto de cuidado, um modo de manter viva a experiência de ver e lembrar.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter, 1892-1940 Magia e técnica, arte e política ensaios sobre literatura e história da cultura/Walter Benjamin; tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7. ed. - São Paulo: Brasiliense, 1994. - (Obras escolhidas; v.1).

BORGES, Maria Eliza Linhares. História e fotografia. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FREUND, Gisèle. La fotografía como documento social. Barcelona: Gustavo Gili, 1976.

GOUVEIA, Giovanni. Entrevista concedida a Eliézer Nascimento de Oliveira. Ponta Grossa, 26 mai. 2025**.**

HALBWACHS, M. A Memória coletiva. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

MACEDO, André Maurício. Entrevista concedida a Eliézer Nascimento de Oliveira. Ponta Grossa, 14 jun. 2025.

MAUAD, Ana Maria. A fotografia como documento histórico. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 16, n. 31, p. 5–19, 1996.

MUSEU CAMPOS GERAIS (UEPG). Memórias Digitais – Acervo Fotográfico do Museu Campos Gerais**.** Disponível em: http://memoriasdigitais.museu.uepg.br/.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7–28, 1993.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

SOUZA, Carlos Alberto. Um homem de muito valor, que na vida trafegou entre a fotografia e a arte. 2012. Disponível em: . Acesso em 25 de abr. de 2025.

APÊNDICES

Apêndice A

OLIVEIRA, Eliézer Nascimento do. Entrevistas TCC Eliézer. [Pasta do Google Drive]. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1m07BbDSDhm47FsXzK3PgHmqrl833mJVk?usp=sharing>. Acesso em: 29 out. 2025.